

E QUEM PODERIA SER O HERDEIRO?

São João del Rei seria um berço de privilegiados na arte de fazer política? Aqui, como em nenhuma outra região de Minas, forjam-se líderes moderados, preocupados em não desagravar seus eleitores e interlocutores, gente paciente e matreira na execução dos seus objetivos? Enfim: é possível que de São João del Rei surja, no futuro, um político semelhante a Tancredo Neves?

A resposta tem de ser procurada na base de toda a vida política, não só de Minas como de qualquer Estado brasileiro: as relações municipais. Tancredo fez o seu curso primário de política exatamente dentro da pequena Câmara de Vereadores de São João, onde iniciou sua vida política não só como vereador mas presidente da Câmara, e de onde foi banido pela ditadura do Estado Novo.

Nas relações municipais o político está sempre ao alcance do eleitor, que lhe cobra as promessas constantemente. E, como nem todas as promessas, plataformas e projetos são realizáveis, o político desenvolve uma grande habilidade nas relações com seus eleitores. Isso independente de ser vereador mineiro ou não. Imagine em Minas. O político mineiro, por natureza, faz essa política de porta em porta, de trincheira nas costas pelas esquinas, nas visitas aos mais velhos ou mais sábios do lugar, mesmo que ele já tenha ascendido a outros postos, como deputado estadual e deputado federal. E há uma explicação para isso, segundo Cid Valério, o prefeito peemedebista de São João del Rei:

— O nosso Estado é um Estado de montanhas, interiorizado, de difícil acesso. Isso facilita a introspecção, a reflexão, o respeito mútuo.

Cid Valério quer dizer que as montanhas são como que limites físicos importantes que despertam, em cada um, a necessidade da convivência harmoniosa, se não real, ao menos política. Como se aquelas pessoas daquelas organizações sociais, cercadas de limites, desclasssem um pouco da existência de horizontes, para onde sempre é possível fugir da dura realidade do dia-a-dia e de certos próximos.

Refinamento maior

Os políticos mais inteligentes, dentro dessa paisagem teórica, aprimoram e sofisticam a arte da convivência. Por isso, como diz o prefeito Cid Valério, Tancredo Neves era um homem que, sobretudo, sabia ouvir. E, realmente, saber ouvir é o maior dos refinamentos na arte de fazer política. Quem sabe ouvir já se preparou previamente para transigir; já exercitou a paciência; aprofundou a capacidade de reflexão.

— Tancredo Neves — diz Cid Valério — sabia transigir, sim, mas sabia também colocar as coisas nos seus devidos lugares e, no momento em que era necessário usar a energia, ele não conseguia tergiversar.

Mais uma habilidade revelada por esse político municipal, companheiro de Tancredo Neves desde 1945, quando Tancredo lançou-se para deputado estadual e foi eleito: a energia liberada na hora certa, dentro das possibilidades do momento.

De qualquer forma, ainda usando os pensamentos do prefeito de São João del Rei, essa tendência geral varia muito segundo a formação pessoal do político. Mas o estilo Tancredo (saber ouvir, transigir mas não tergiversar,

etc.) está na escola dos Andradas — a escola do velho Antônio Carlos Ribeiro de Andrade — de Barbacena, passando por José Maria Alkmim, vice-presidente de Castelo Branco, que exagerava até nessa mineirice, atingindo facilmente o folclore, e chegando à quase perfeição com Juscelino Kubitschek. A perfeição, mesmo, foi Tancredo Neves. Por acaso, os políticos mineiros mais conhecidos e hábeis estavam no antigo PSD. Na verdade, esse traço, essa tendência, sempre foi encontrado em todos os partidos. Francelino Pereira, ex-governador de Minas, que até hoje não é perdoado por aqui pelo fato de ser governista e piauiense de nascimento, desenvolveu essa habilidade. "Mas em defesa de maus princípios", dizem alguns mineiros. Porque, além da técnica (vamos chamar assim), o político mineiro precisa ser, do fundo do coração, um patriota, mirar-se nos exemplos libertários que partiram justamente daí, de São João del Rei, com seus inconfidentes e o mártir da Independência. Mais uma vez Tancredo é o número um.

Estilo igual

Mas, voltando ao começo da reportagem: São João del Rei nos reserva alguém com o estilo de Tancredo para o futuro?

O prefeito Cid Valério não acredita, absolutamente:

— Os políticos de São João del Rei são muito atuantes, mas o seu estilo pouco tem a ver com o de Tancredo. Certamente vão aprender. Porque nós perdemos o Tancredo pessoa, mas jamais perderemos o Tancredo político. Ai estão, acessíveis a todo sanjoanense e a todos os brasileiros, as idéias, a experiência, os ensinamentos de seus discursos. Tudo isso é condição para um político jovem assimilar as lições de um político de um Estado que produziu grandes políticos e grandes estadistas. Estado de onde partiram os maiores gritos de liberdade do Brasil. Daí surgiu Tiradentes, com seu grito de liberdade, daí surgiu Tancredo, com seu grito de democracia, o que é a mesma coisa.

Cid Valério se exalta um pouco, mas tudo o que diz é a mais pura verdade. Até reconhece que Tancredo nunca foi um administrador, o que não é problema para um político como ele, ao contrário. Um político sabe escolher, sabiamente, sua equipe de administradores. E um administrador nato correrá o risco de centralizar e despersonalizar sua equipe.

Há um outro dado que não habilita, pelo menos no momento, um sucessor presumível para o político Tancredo Neves: a cultura e a experiência. Os sanjoanenses também foram esmagados, culturalmente, pelos 21 anos de autoritarismo. Para dar um exemplo: em 21 anos, de 1945 a 1966, Tancredo Neves reuniu a experiência de ser deputado estadual, deputado federal, ministro da Justiça, candidato derrotado ao governo de Minas e primeiro-ministro da República. Ainda sofreu (e ganhou, também) a experiência de março de 1964.

Os políticos sanjoanenses, mineiros e brasileiros em geral poucas experiências tiveram nos últimos 21 anos.

Só lembram

Quem seria o herdeiro?

Em Minas, o prefeito Cid Valério cita Silvio Abreu, secretário da Justiça do governo

mineiro; Maurício Pádua, seu colega na Secretaria de Obras, e o ministro da Cultura, José Aparecido. Todos eles lembram o estilo de Tancredo. Genésio Bernardino, presidente da Assembléia, é outro nome. Mas, para sublinhar a expressão do prefeito, eles apenas lembram.

Herdeiro parente está muito difícil. Francisco Dornelles, o sobrinho de Tancredo e ministro da Fazenda, é tido pelos políticos municipais de São João del Rei como um desastre político. "Mas, para compensar, é um ótimo técnico", dizem também, mineiramente. Aécio Neves Cunha, o neto, certamente será candidato a deputado federal nas próximas eleições.

mas, como ponderam os políticos sanjoanenses, é preciso que ele apareça um pouco mais por São João del Rey. Porque o nome do avô não será suficiente para elegê-lo.

Os vereadores de São João del Rey e todos aqueles que fazem política, filiados aos partidos, fogem realmente do estilo Tancredo Neves. Para Cid Valério, são mais objetivos e ousados, mas apenas isso. Objetividade e ousadia não são caminhos certos para um futuro político brilhante. As vezes, muito pelo contrário.

— Tancredo — diz o prefeito rindo, talvez o único riso dessa véspera de funeral — dava um

pé na bunda do cidadão e o cidadão agradecia. Era como Getúlio, que chamava um assessor, elogiava, elogiava, e no outro dia ele estava na rua. Sem mágoas.

Há dois vereadores jovens na Câmara Municipal de São João del Rei: o presidente da Câmara, Rômulo Viegas, 30 anos, engenheiro e o também engenheiro Sérgio Cavalieri, de 29. São os únicos que ainda têm tempo de assimilar o estilo municipalista do ex-presidente. O presidente da Câmara até foi elogiado por Tancredo na sua última visita a São João del Rei, depois que fez um discurso ouvido atentamente pelo mestre. "Rapaz, você vai longe", previu Tancredo. Resta saber com que intenção. Sérgio Cavalieri, que já é secretário da Câmara, é extremamente humilde na análise de si mesmo e das duas possibilidades. Começa bem, portanto. Ele repete que a sua geração jamais terá as chances de experiência que Tancredo viveu. E repete toda a sua trajetória política. De outro lado, a experiência de Tancredo custou muito caro, custou a impossibilidade do poder. E o poder, hoje, não está assim tão distante da geração de Sérgio Cavalieri e dele próprio.

O maior

— Ele, Tancredo — diz Sérgio —, não assinou nenhum decreto como presidente, mas deixou o que me parece uma verdadeira lei: o seu projeto de vida e o seu projeto político. Ele será admirado como o maior presidente que o Brasil já teve.

Para o vereador, que tem o trunfo de ser um dos 17 sócios da Rádio Emboabas, talvez não seja preciso começar tão cedo em política, com a atual facilidade dos meios de comunicação.

Sérgio Cavalieri acredita que um vereador de uma cidade como São João del Rei tem boas chances de chegar a deputado estadual, pelo menos. Ele também acredita que Aécio Cunha Neves não será o herdeiro ideal se não trabalhar suas bases em São João:

— Ele lidou muito com o avô, deve ter tirado proveito das lições vivas do avô, certamente assimilou tudo com facilidade, mas há o problema do carisma... Ele precisa mesmo trabalhar as bases aqui. Precisa voltar a São João del Rei para poder sentir sua vocação. Afinal, ele é o neto do dr. Tancredo.

De imediato, Sérgio não quer se candidatar a deputado. Começou aos 19 anos, dez anos atrás, trabalhando para a Arena, passou pelo PDS e em 1983 foi o primeiro vereador a aderir à Frente Liberal. Hoje São João del Rei possui o prefeito do PMDB, 11 vereadores do mesmo partido e quatro da Frente Liberal. O PDS foi sepultado.

Sérgio Cavalieri, segundo outros colegas seus, não é ousado nem objetivo. É quieto. Dizem também que ele sabe ouvir. Muito diferente do prefeito Cid Valério, que é mineiríssimo no trato do dia-a-dia mas que, na hora de um discurso, joga fora todos os seus dividendos de habilidade, porque se exalta, se inflama e se arrisca pelo perigoso terreno da contestação.

Foi assim no último discurso que fez, dia 4 de março passado, Tancredo presente. O prefeito exacerbou as críticas ao governo militar autoritário, corrupção, etc. No final, Tancredo Neves não se conteve:

— Puxa, você não passa recibo, hein?

Fernando Portela



Estas são as fotos da última visita de Tancredo à sua cidade natal, no dia 4 de março, quando inaugurou o Colégio do Bradesco, uma instituição modelo, que oferece aos são-joanenses o primeiro grau profissionalizante com tudo gratuito — de livros a tratamento dentário.

Tancredo Neves estava especialmente feliz, contando piadas e rindo muito. Por isso, os políticos daqui estranharam as informações de que ele já sentia dores há muito tempo.

Ele passou 24 horas em São João, ao lado de dona Risoleta. Almoçou no solar dos Neves, e comeu de chamar a atenção. Sempre rindo, bem-humorado. Durante a curta visita,

o presidente foi abordado por um palhaço na rua que lhe pediu uma força para o círculo. Tancredo respondeu que uma das suas metas culturais era a de desenvolver o folclore brasileiro e, dentro dele, a tradição circense.

Mas o evento mais próximo do seu estilo aconteceu durante a cerimônia de inauguração da igreja adventista Fé e Alegria (foto abaixo) do pastor holandês Kaeke Klass Van Den Raa: Tancredo e dona Risoleta, casal supercatólico, dentro de uma cidade mais católica ainda, cantaram uma alegre canção adventista. Tancredo, irmão franciscano, jamais dispensou o ecumenismo. (FP)